

O Livro de Daniel - Número cinquenta e dois

Desvendando o Enigma Profético: A Visão de Daniel e a Ascensão dos Reinos

Jeff Pippenger

2024-01-16

No último artigo apontamos que Gabriel forneceu a conclusão da “última indignação” a fim de confirmar a data de 1844, com base em duas testemunhas. Miller entendeu os “sete tempos” de Levítico vinte e seis, que foram executados contra o reino de Judá, mas nunca chegou a ver o propósito e a relação do juízo dos “sete tempos” sobre ambos os reinos, do norte e do sul, de Israel. Se ele algum dia reconheceu a distinção da “última indignação” no versículo dezenove é duvidoso, embora sem dúvida ele entendesse, de modo geral, que a “indignação” correspondia aos “sete tempos”. A luz de uma primeira e de uma última indignação foi desselada por Palmoni em 1856, mas foi rejeitada em 1863. Ainda assim, a mensagem de Miller sobre os “sete tempos” estava correta, embora limitada.

Miller não teria reconhecido que, no versículo 11 de Daniel 8, o pequeno chifre da Roma pagã elevou e exaltou o paganismo, pois, para Miller, "take away" significava simplesmente remover em cada uma de suas três ocorrências em Daniel. Ainda assim, sua mensagem continuava correta, embora limitada.

Os Milleritas reconheceram que o "santuário" no versículo onze era o templo pagão na cidade de Roma (o Panteão), mas a língua hebraica não era a base da mensagem deles. A mensagem de Miller estava focada no tempo profético. A história em que a mensagem deles foi desvendada os impediu de ver os Estados Unidos como o sexto reino da profecia bíblica e, mais do que isso, os impediu de ver o papado como o quinto reino da profecia bíblica.

Forçados pela história em que viviam, aplicaram as profecias de acordo com a sua expectativa de que a volta de Cristo ocorreria em breve, e ficaram desapontados; ainda assim, sua mensagem estava correta. Quando Gabriel fornece a interpretação das duas visões nos versículos quinze a vinte e sete, a compreensão de Miller o impediu de captar a revelação mais ampla dos reinos que estava representada na alternância de gênero do pequeno chifre nos versículos nove a doze. Os mileritas veem apenas Roma como um quarto e último reino terreno na interpretação de Gabriel.

E aconteceu que, quando eu, eu Daniel, tinha visto a visão e buscava o significado, eis que estava diante de mim alguém com aparência de homem. E ouvi uma voz de homem entre as margens do Ulai, que chamou e disse: Gabriel, faze que este homem entenda a visão. Então ele se aproximou do lugar onde eu estava; e, quando veio, tive medo e caí com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, ó filho do homem, pois a visão é para o tempo do fim. Enquanto ele falava comigo, eu caí em profundo sono, com o rosto em terra; mas ele me tocou e me pôs em pé. E disse: Eis que te farei saber o que haverá no último fim da indignação; pois no tempo determinado haverá o fim. O carneiro que viste, com dois chifres, são os reis da Média e da Pérsia. E o bode peludo é o rei da Grécia; e o grande chifre que está entre os seus olhos é o

primeiro rei. E, sendo ele quebrado, e levantando-se quatro em seu lugar, quatro reinos se levantarão dessa nação, mas não com a sua força. E, no fim do seu reino, quando os transgressores chegarem ao auge, levantar-se-á um rei de duro semblante e entendido em enigmas. E o seu poder será poderoso, mas não por sua própria força; e destruirá espantosamente, e prosperará, e praticará, e destruirá os poderosos e o povo santo. E por sua astúcia fará prosperar o engano em sua mão; e se engrandecerá no seu coração; e pela paz destruirá a muitos; também se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem mão humana. E a visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; portanto, sela a visão, porque se refere a muitos dias. E eu, Daniel, desfalei e estive doente alguns dias; depois me levantei e tratei dos negócios do rei; e fiquei espantado com a visão, mas ninguém a entendeu. Daniel 8:15-27.

Embora Daniel tenha recebido a visão do rio Ulai (que agora está em processo de cumprimento), na história de Babilônia o primeiro reino foi deixado de fora da visão. Ele havia sido incluído como a cabeça de ouro e como o leão nos capítulos dois e sete, mas o aspecto profético de que Babilônia seria removida e restaurada foi enfatizado no capítulo oito. Nabucodonosor havia tipificado a ferida mortal do papado quando foi afastado dos homens por “sete tempos”, tipificando assim os setenta anos simbólicos em que a meretriz de Tiro é esquecida. No capítulo oito de Daniel, Babilônia é esquecida dentre os reinos da profecia bíblica e a visão começa com os medos e os persas (o carneiro), seguidos pela Grécia (o bode).

O reino de Alexandre, o Grande, desintegrou-se em quatro reinos de menor poder do que Alexandre, como também havia sido representado no capítulo sete com o leopardo que tinha quatro asas e quatro cabeças. O número quatro representa o âmbito mundial, como representado por norte, leste, sul e oeste. No versículo oito do capítulo oito, quatro notáveis surgiram em direção aos quatro ventos do céu. No capítulo sete, as quatro asas da Grécia se alinham com os quatro ventos do capítulo oito, e as quatro cabeças da Grécia se alinham com os quatro notáveis. As quatro cabeças e os quatro notáveis representam os quatro reinos em que o reino original de Alexandre se desintegrou, e as quatro asas e os quatro ventos representam as quatro áreas de divisão. A distinção desse ponto é importante de se perceber, pois representa um argumento que os Mileritas tinham contra o entendimento tradicional dos protestantes sobre o quarto reino de Roma.

Nas tábuas de Habacuque, representadas pelos quadros pioneiros de 1843 e 1850, há apenas uma representação que não ilustra uma aplicação profética, e ela diz respeito à distinção entre as quatro cabeças e os notáveis, e as quatro asas e os ventos. Numa tentativa de obscurecer a verdade de que Roma é o quarto reino da profecia bíblica, Satanás introduziu um argumento acerca do verdadeiro ou falso significado das quatro cabeças e dos notáveis, e das quatro asas e dos ventos. Satanás o fez, pois o livro de Daniel identifica claramente que há um símbolo distinto no livro de Daniel que estabeleceu a visão. Parte das evidências que estabelecem esse símbolo está nas quatro cabeças e nos notáveis, e nas quatro asas e nos ventos. Os protestantes sustentaram uma visão satânica desse argumento, e o argumento foi tão significativo para a história milerita que fizeram referência a ele no quadro. O poder que estabelece a visão "chazon" no livro de Daniel é identificado como os "salteadores do teu povo", e os protestantes identificaram esse poder como um de uma longa linhagem de reis sírios chamado Antíoco Epífanes, e Miller os identificou como Roma.

E, naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do sul; também os salteadores do teu povo se exaltarão para estabelecer a visão; mas cairão. Daniel 11:14.

Antíoco foi um dos reis, numa linhagem de reis que descendia de um dos quatro reinos em que o reino de Alexandre havia se desintegrado. O pequeno chifre do versículo nove de Daniel 8 sucedeu ao reino de Alexandre, e o versículo nove diz que, de um deles, surgiu o pequeno chifre.

E de um deles saiu um chifre pequeno, que se engrandeceu sobremaneira, para o sul, para o oriente e para a terra formosa. Daniel 8:9.

A discussão sobre se Roma estabelece a visão, ou se um rei sírio fraco e bastante insignificante estabelece a visão, inclui a discussão sobre se o poder do pequeno chifre saiu de um dos quatro chifres ou de um dos quatro ventos. Não é um grande argumento, pois a história e a profecia são claras de que Roma não era descendente do Império Grego, mas que Roma era uma nova potência. Se Roma era o quarto reino, então o "um deles" do versículo nove deve ser um dos quatro ventos ou asas. Se foi Antíoco Epífanes, veio do chifre da Síria.

Os mileritas identificaram que o poder representado como "os salteadores do teu povo" se levantaria contra Cristo.

E por sua astúcia também fará prosperar o engano em sua mão; e ele se engrandecerá em seu coração, e por meio da paz destruirá a muitos; ele também se levantará contra o Príncipe dos príncipes; mas será quebrantado sem intervenção humana. Daniel 8:25.

O "Príncipe dos príncipes" é Cristo, e Antíoco Epífanes viveu muito antes de Cristo nascer; por isso, os mileritas destacaram esse fato no quadro de 1843. No quadro, eles incluíram o ano 164, que na realidade não tem nenhuma referência bíblica e era simplesmente uma anotação que identifica a importância do debate sobre o quarto reino entre Miller e os teólogos protestantes. Ao lado do ano "164" no quadro, eles escreveram: "Morte de Antíoco Epífanes, que, é claro, não se levantou contra o Príncipe dos príncipes, pois havia morrido 164 anos antes de o príncipe dos príncipes nascer."

Hoje, o Adventismo ensina que "os salteadores do teu povo" é Antíoco Epifânio, assim como o faz o protestantismo apóstata, apesar do fato de que a inspiração registrou que "o quadro de 1843 foi dirigido pela mão do Senhor e não deve ser alterado". Os mileritas sabiam que o rei de duro semblante era Roma, por isso não foram abalados pelo ensino satânico que mina a capacidade de estabelecer a visão "chazon". A Bíblia é clara: se não há visão, o povo perece.

Não havendo visão, o povo perece; mas o que guarda a lei, esse é bem-aventurado. Provérbios 29:18.

A visão que Salomão identifica no versículo é a visão "chazon", que, no versículo treze de Daniel oito, é a visão que identifica o paganismo e o papalismo calcando aos pés o santuário e a hoste. Para os mileritas, esses dois poderes desoladores representavam o quarto reino da profecia bíblica e, sem reconhecer o quarto reino, o de Roma (os salteadores do teu povo), não teriam sido capazes de estabelecer a visão. Os "salteadores do teu povo", no versículo catorze de Daniel onze, deviam

levantar-se contra o rei do sul, exaltar-se, estabelecer a visão e cair. Roma cumpriu cada uma dessas características.

No capítulo sete, o quarto reino é especificamente identificado como sendo "diverso" dos reinos anteriores.

Depois disso, vi em visões noturnas, e eis um quarto animal, terrível e espantoso, e extremamente forte; tinha grandes dentes de ferro: devorava e despedaçava, e pisava com os pés o que sobrava; era diferente de todos os animais que vieram antes dele; e tinha dez chifres. ... Então quis saber a verdade sobre o quarto animal, que era diferente de todos os outros, extremamente terrível, cujos dentes eram de ferro e cujas garras eram de bronze; que devorava, despedaçava e pisava com os pés o que sobrava; e sobre os dez chifres que estavam na sua cabeça, e sobre o outro que surgiu, diante do qual três caíram; aquele chifre que tinha olhos e uma boca que proferia grandes coisas, cuja aparência era mais imponente do que a dos seus companheiros. Daniel 7:7, 19, 20.

O quarto reino de Daniel sete foi identificado duas vezes como sendo "diverso" dos reinos que o precederam. Se o "chifre pequeno" do verso nove fosse simplesmente uma extensão do chifre sírio (Antiochus Epiphanes), não teria sido diferente. As feras que precederam Roma no capítulo sete eram o leão, o urso e o leopardo, todos animais que de fato existem na natureza, mas, quando se tratou da quarta fera, com dentes de ferro e unhas de bronze, Daniel não conhecia nenhuma fera da natureza que representasse a terrível fera que devorava. Era diferente (diverso). O "chifre pequeno" do verso nove surgiu de uma das áreas representadas pelos quatro ventos e asas, e não de um dos chifres ou dos notáveis.

O capítulo oito de Daniel afirma que "no tempo final do seu reino, quando os transgressores tiverem chegado ao cúmulo, levantar-se-á um rei de semblante feroz e que entende sentenças obscuras." No "tempo final do seu reino (a Grécia, que havia se desintegrado em quatro reinos), durante o período "em que os transgressores tiverem chegado ao cúmulo", um novo rei se levantaria.

"À toda nação que surgiu no palco da história foi permitido ocupar seu lugar na terra, para que se pudesse verificar se cumpriria os propósitos do Vigilante e do Santo. A profecia traçou a ascensão e o progresso dos grandes impérios do mundo — Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Em cada um desses, assim como nas nações de menor poder, a história se repetiu. Cada um teve seu período de prova; cada um falhou, sua glória se desvaneceu, seu poder se foi." Profetas e Reis, 535.

No final ("tempo posterior") do reino da Grécia, quando a sua taça de tempo probatório estivesse cheia ("quando os transgressores tiverem chegado ao auge"), um "rei de semblante feroz" se levantaria. Esse rei entenderia "sentenças obscuras", pois falaria uma língua completamente diferente do hebraico dos judeus ou do grego do reino anterior, pois falaria latim. Esse reino havia sido identificado por Moisés como a nação que traria o cerco dos anos 66 a 70 d.C., em que, entre outras coisas, a fome foi tão terrível que os judeus comeram os próprios filhos para sobreviver.

Porque não serviste ao Senhor teu Deus com alegria e com contentamento de coração, por causa da abundância de tudo; portanto servirás aos teus inimigos que o Senhor enviará contra ti, na fome, na sede, na nudez e na falta de todas as coisas; e ele porá um jugo de ferro sobre o teu pescoço, até que te tenha destruído. O Senhor trará contra ti uma nação de longe, dos confins da terra, veloz como voa a águia; uma nação cuja língua não entenderás; uma nação de semblante feroz, que não respeitará a pessoa do ancião, nem mostrará favor ao moço; e comerá o fruto do teu gado e o fruto da tua terra, até que sejas destruído; não te deixará nem cereal, nem vinho, nem azeite, nem a cria das tuas vacas, nem os rebanhos das tuas ovelhas, até que te tenha destruído. E te sitiara em todas as tuas portas, até que caiam os teus muros altos e fortificados, nos quais confiavas, por toda a tua terra; e te sitiara em todas as tuas portas, por toda a tua terra que o Senhor teu Deus te deu. E comerás o fruto do teu próprio corpo, a carne de teus filhos e de tuas filhas, que o Senhor teu Deus te deu, no cerco e na angústia com que os teus inimigos te afligirão. Deuteronômio 28:47-53.

No capítulo dois de Daniel, o quarto reino foi representado por "ferro", e Moisés identificou "uma nação" que poria um "jugo de ferro" sobre os judeus. A "nação" iria "destruir" os judeus, e seria tão veloz quanto uma águia, sendo a águia o símbolo de Roma. Seria uma "nação" "cuja língua não entenderás", pois sua linguagem seria "sentenças obscuras" para os judeus. Seria uma "nação de semblante feroz", como descrita em Daniel capítulo oito como um "rei de semblante feroz". E no "cerco" de Jerusalém, os judeus comeram seus "filhos e filhas".

Miller reconheceu a Roma pagã como o poder predito por Moisés, e como o quarto reino "de ferro" de Daniel dois, e a "nação" que falava latim, não hebraico ou grego. Miller não fazia distinção entre o quarto e o quinto reino da profecia bíblica, pois, para ele, ambos eram simplesmente Roma. Assim, depois que a Roma pagã se levantou no versículo vinte e três, ele não via a distinção representada no versículo vinte e quatro. Na visão, o chifre pequeno havia oscilado do masculino para o feminino, para o masculino e para o feminino, nos versículos nove a doze; e, enquanto o versículo vinte e três identifica as características proféticas da Roma pagã, a interpretação de Gabriel no versículo vinte e quatro muda para a Roma feminina. O poder no versículo vinte e quatro havia de possuir "grande poder", "mas não por seu próprio poder; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e praticará, e destruirá os poderosos e o povo santo".

A Roma papal receberia o poder militar da Roma pagã, e destruiria o povo de Deus por mil duzentos e sessenta anos, do ano 538 a 1798. Ela destruiria "marvilhosamente", pois é a besta após a qual o mundo inteiro "se maravilha", e era o poder que "praticaria e prosperaria" até que se cumprisse a primeira indignação que havia sido "determinada" para terminar em 1798.

Então, no versículo vinte e cinco, Gabriel segue a oscilação estabelecida nos versículos que ele estava interpretando para Daniel e, novamente, dirige-se a Roma pagã, que, por meio de um tipo diferente de "política", reuniu o seu império, como atestam todos os historiadores. A "astúcia" de Roma pagã consistia em induzir as nações a juntarem-se ao seu império em expansão, e usava a promessa de paz e prosperidade para construir o império, ao contrário dos impérios anteriores, que foram forjados simplesmente pelo poderio militar. Roma pagã também haveria de "levantar-se contra o Príncipe dos príncipes", como o fez ao colocar Cristo na cruz do Calvário.

Então Gabriel trata das duas visões que ele estava interpretando para Daniel, ao identificar que a visão "mareh" da aparência (os dois mil e trezentos dias) era verdadeira, e que a visão "chazon" do pisoteamento do santuário e do exército por Roma pagã e Roma papal deveria ser "fechada (selada)", "por muitos dias" (até o tempo do fim em 1798).

Então Daniel ficou doente por algum tempo e depois voltou ao trabalho, mas ainda não entendia a visão "mareh", que é a visão que Gabriel foi encarregado de fazê-lo entender. Por essa razão, Gabriel voltaria no capítulo nove para concluir seu trabalho de fazer Daniel entender a visão "mareh".

No capítulo nove de Daniel, Daniel vinha estudando a Palavra profética e veio a compreender por meio dos escritos de Moisés e Jeremias. Jeremias havia identificado que o cativo em que ele estava duraria setenta anos.

E toda esta terra será uma desolação e um espanto; e estas nações servirão ao rei da Babilônia por setenta anos. E acontecerá que, quando se cumprirem setenta anos, eu punirei o rei da Babilônia e aquela nação, diz o Senhor, por sua iniquidade, e também a terra dos caldeus; farei dela desolações perpétuas. Jeremias 25:11, 12.

Segundo Moisés, o cativo na terra do inimigo corresponderia a um tempo em que a terra desfrutaria dos seus sábados.

E reduzirei a terra à desolação; e os vossos inimigos que nela habitam ficarão espantados por causa dela. E vos espalharei entre as nações, e desembainharei a espada atrás de vós; e a vossa terra será desolada, e as vossas cidades ficarão em ruínas. Então a terra gozará os seus sábados, enquanto permanecer desolada, e vós estiverdes na terra dos vossos inimigos; então a terra descansará e gozará os seus sábados. Todo o tempo em que permanecer desolada descansará; porque não descansou nos vossos sábados, quando nela habitáveis. Levítico 26:32-35.

Daniel havia entendido, pela Palavra profética de Deus, segundo o testemunho de duas testemunhas, que Seu povo havia sido disperso para a terra do inimigo, durante o tempo em que a terra gozaria os seus sábados. Ele entendeu o que o autor de Crônicas entendeu acerca dos setenta anos de Jeremias.

E os que haviam escapado da espada levou-os para a Babilônia; onde foram servos dele e de seus filhos até o reinado do Reino da Pérsia; para cumprir a palavra do Senhor pela boca de Jeremias, até que a terra desfrutasse os seus sábados; pois, todo o tempo em que esteve desolada, guardou sábado, para cumprir setenta anos. No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor falada pela boca de Jeremias, o Senhor despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, de modo que ele fez uma proclamação por todo o seu reino e também a pôs por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus do céu, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem há entre vós de todo o seu povo? O Senhor, seu Deus, esteja com ele, e suba. 2 Crônicas 36:20-23.

Daniel entendeu que os setenta anos de dispersão de Jeremias na terra do inimigo, enquanto a terra desfrutava dos seus sábados, baseavam-se na maldição de “sete vezes” em Levítico vinte e seis e, em obediência a esse entendimento, ele pôs em prática o remédio ordenado ali para aqueles que finalmente despertam para a sua condição de dispersos.

E sobre os que dentre vós restarem vivos enviarei desânimo aos seus corações nas terras de seus inimigos; e o som de uma folha agitada os perseguirá; e fugirão, como quem foge da espada; e cairão quando ninguém os perseguir. E cairão uns sobre os outros, como se estivessem diante da espada, quando ninguém os perseguir; e não tereis força para resistir perante os vossos inimigos. E perecereis entre os gentios, e a terra de vossos inimigos vos consumirá. E os que restarem de vós definharão por causa da sua iniquidade nas terras de seus inimigos; e também por causa das iniquidades de seus pais, com estes definharão. Se confessarem a sua iniquidade, e a iniquidade de seus pais, com a transgressão com que transgrediram contra mim, e também que andaram contrariamente a mim; e que eu também andei contrário a eles, e os trouxe à terra de seus inimigos; se então os seus corações incircuncisos se humilharem, e aceitarem o castigo da sua iniquidade; então me lembrarei da minha aliança com Jacó, e também da minha aliança com Isaque, e também da minha aliança com Abraão me lembrarei; e me lembrarei da terra. A terra também será deixada por eles e gozará dos seus sábados, enquanto jaz desolada sem eles; e eles aceitarão o castigo da sua iniquidade, porque, sim, porque desprezaram os meus juízos e a sua alma abominou os meus estatutos. E, ainda por tudo isso, quando estiverem na terra de seus inimigos, não os rejeitarei, nem os abominarei, para destruí-los totalmente e romper a minha aliança com eles; pois eu sou o Senhor, seu Deus. Antes, por amor deles, me lembrarei da aliança de seus antepassados, a quem tirei da terra do Egito à vista dos gentios, para ser o seu Deus. Eu sou o Senhor. Estes são os estatutos, juízos e leis que o Senhor estabeleceu entre si e os filhos de Israel no monte Sinai, pela mão de Moisés. Levítico 26:36-46.

A oração de Daniel no capítulo nove aborda cada elemento do conselho para aqueles que se encontram dispersos na terra do inimigo. Essa oração deve ser alinhada com a sua oração no capítulo dois, pois, juntas, representam a oração daqueles que, em Apocalipse capítulo onze, estavam mortos nas ruas daquela grande cidade de Sodoma e Egito e descobrem que também haviam sido dispersos. À medida que Daniel conclui sua oração, Gabriel retorna para concluir a obra de explicar a visão "mareh", assim como o Espírito Santo tenciona realizar para as duas testemunhas de Apocalipse capítulo onze.

E enquanto eu falava, e orava, e confessava o meu pecado e o pecado do meu povo Israel, e apresentava a minha súplica perante o Senhor, meu Deus, pelo santo monte do meu Deus; sim, enquanto eu falava em oração, o próprio homem Gabriel, que eu havia visto na visão ao princípio, voando rapidamente, tocou-me por volta da hora da oblação da tarde. E ele me instruiu, falou comigo e disse: Ó Daniel, agora saí para te dar sabedoria e entendimento. Daniel 9:20-22.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Pouco antes da queda de Babilônia, quando Daniel meditava nessas profecias e buscava a Deus para entender os tempos, foi-lhe dada uma série de visões acerca da ascensão e queda de reinos. Com a primeira visão, como está registrado no sétimo capítulo do livro de Daniel, foi dada uma interpretação; contudo, nem tudo foi esclarecido ao profeta. ‘Meus pensamentos muito me perturbaram’, escreveu ele a respeito de sua experiência na ocasião, ‘e meu semblante mudou em mim; mas guardei o assunto no meu coração.’ Daniel 7:28.

Por meio de outra visão, mais luz foi lançada sobre os acontecimentos do futuro; e foi ao término dessa visão que Daniel ouviu “um santo falando, e outro santo disse àquele santo que falava: Até quando durará a visão?” Daniel 8:13. A resposta que foi dada, “Até dois mil e trezentos dias; então o santuário será purificado” (verso 14), encheu-o de perplexidade. Com empenho, ele buscou o significado da visão. Ele não conseguia entender a relação entre o cativo de setenta anos, conforme predito por Jeremias, e os dois mil e trezentos anos que, em visão, ouviu o visitante celestial declarar que deveriam transcorrer antes da purificação do santuário de Deus. O anjo Gabriel deu-lhe uma interpretação parcial; ainda assim, quando o profeta ouviu as palavras: “A visão ... será para muitos dias”, desmaiou. “Eu, Daniel, desfaleci”, ele registra de sua experiência, “e estive doente por alguns dias; depois me levantei e tratei dos negócios do rei; e fiquei espantado com a visão, mas ninguém a entendeu.” Versos 26, 27.

Ainda carregando o fardo em favor de Israel, Daniel tornou a estudar as profecias de Jeremias. Elas eram muito claras — tão claras que ele entendeu, por esses testemunhos registrados nos livros, “o número dos anos, acerca dos quais veio a palavra do Senhor ao profeta Jeremias: que Ele cumpriria setenta anos nas desolações de Jerusalém”. Daniel 9:2.

"Com fé fundada na firme palavra da profecia, Daniel suplicou ao Senhor pelo pronto cumprimento dessas promessas. Ele rogou para que a honra de Deus fosse preservada. Em sua petição, identificou-se plenamente com aqueles que haviam ficado aquém do propósito divino, confessando os pecados deles como seus próprios." Profetas e Reis, 553, 554.